

Richard Rorty: das contingências à democracia como modo de vida

Richard Rorty: from the contingencies to the democracy as way of life

Luís Gomes da Silva
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil

Resumo

O presente artigo analisa as contingências da linguagem, da individualidade e de uma comunidade liberal, na concepção de Richard Rorty, na tentativa de entender a importância delas na formação de uma concepção de democracia como modo de vida, proposta originariamente por John Dewey e defendida por Rorty, posteriormente. A abordagem perpassa a proposta de negação da “verdade intrínseca” das coisas, extinguindo assim as divindades que impregnaram a linguagem ao longo da existência humana. Trata da questão da linguagem, que imprimiu na cultura ocidental uma concepção fortemente transformadora, cujo resultado foi o surgimento de um novo homem, na compreensão de Rorty.

Palavras-chaves: individualidade; linguagem; comunidade liberal.

Abstract

This article analyzes the contingencies of language, individuality and of a liberal community, in the conception of Richard Rorty, in an attempt to understand their importance in the formation of a conception of democracy as a way of life, originally proposed by John Dewey and defended by Rorty, later. The approach permeates the proposal to deny the “intrinsic truth” of things, thus extinguishing the deities that have permeated language throughout human existence. It deals with the issue of language, which imprinted a strongly transformative conception on Western culture, the result of which was the emergence of a new man, in Rorty's understanding.

Keywords: . individuality; language; liberal community.

Informações do artigo

Submetido em 12/03/2024

Aprovado em 15/08/2024

Publicado em 15/09/2024

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n3.p141-151>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

DA SILVA, Luís Gomes. Richard Rorty: das contingências à democracia como modo de vida. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 3, p. 141-151, set./dez. 2024.

1 INTRODUÇÃO

Ao introduzir o livro *Contingência, ironia e solidariedade*, o filósofo estadunidense Richard Rorty (1931-2007) pontuou na história características que vêm sendo defendidas, há duzentos anos aproximadamente, por vários pensadores que se contrapõem a vocabulários instalados por filósofos e intelectuais ao longo da história humana. O advento da Revolução Francesa e a latente política utópica depuseram contra o colossal império da verdade que impregnava esses vocabulários. Na política utópica não cabe a questão da vontade de Deus e nem tão pouco a natureza do homem, cabe tão somente sonhar com uma sociedade nunca vista, todavia feliz. A esse sonho juntaram-se os poetas românticos que, livres das imitações, pleitearam com a autocriação a igualdade à filosofia, à religião e à ciência. Essa hegemonia cultural dos últimos duzentos anos cindiu a filosofia. Essa cisão caracterizou-se pelos filósofos que se mantiveram féis ao Iluminismo: identificando-se com a causa da ciência, mantendo o embate desta com a religião e com todas as forças que pensam que a verdade é construída e não descoberta – A ciência moderna é paradigma do homem para esses filósofos, que defendem que as ciências naturais são capazes de descobrirem a verdade em vez de construí-la. Alinhados aos políticos utópicos e aos artistas inovadores, outros filósofos defenderam que o mundo tal qual é descrito pelas ciências físicas “não proporciona qualquer lição moral e não oferece qualquer conforto espiritual” (Rorty, 1994, p. 24). Para eles a ciência é uma atividade humana qualquer, não uma realidade sólida.

O que essas circunstâncias exigiam era que os idealistas fossem superados através do repúdio da ideia de natureza intrínseca em tudo, quer material quer imaterial. Sobre isto Rorty enfatiza:

Dizer que a verdade não está diante de nós é simplesmente dizer que onde não há frases não há verdades, que as frases são elementos das linguagens humanas e que as linguagens humanas são criações do homem. [...] Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas; o mundo por si próprio – sem auxílio das atividades descritivas dos seres humanos – não pode. A ideia de que a verdade, tal como o mundo, está diante de nós é uma herança de uma época em que o mundo era visto como criação de um ser que tinha a sua própria linguagem (Rorty, 1994, p. 25).

Essa nova perspectiva da linguagem imprimiu na cultura ocidental uma concepção fortemente transformadora, cujo resultado foi o surgimento de um novo homem, que na busca do entendimento da realidade não privilegia o físico em detrimento do poeta, nem tão pouco almeja que essa realidade interpretada numa linguagem corresponda diretamente à maneira como as coisas são de fato. Para Rorty,

Dizer que não existe uma natureza intrínseca não é dizer que a natureza intrínseca da realidade se tenha afinal revelado, assaz surpreendentemente, ser extrínseca. É dizer que a expressão 'natureza intrínseca' é uma expressão que nos valeria apenas não utilizar, uma expressão que gera mais dificuldades do que proveito. Dizer que deveríamos abandonar a ideia de uma verdade que se encontra diante de nós à espera de ser descoberta não é dizer que descobrimos que, diante de nós, não há qualquer verdade. É dizer que a melhor maneira de servir os nossos fins seria deixar de ver a verdade como um assunto profundo, como matéria de interesse filosófico, e de ver 'verdadeiro' como sendo um termo que merece 'análise' (Rorty, 1992, p. 29).

As expectativas da concepção filosófica defendida por Rorty (*Ibid.* p. 30) não visavam a substituir a concepção correspondentista da verdade, porquanto esta se desfaz nos seus argumentos inconsistentes, visavam apenas redescrever as coisas de novas maneiras, criando assim um padrão de comportamento linguístico, que resultará em padrões não linguísticos, e estes, por sua vez, em instituições sociais novas.

A presente pesquisa, dentro dessas perspectivas levantadas por Rorty, analisa as contingências da linguagem, da individualidade e de uma comunidade liberal, na tentativa de demonstrar a importância dessas contingências para a formação de uma concepção de democracia como modo de vida, originariamente defendida por John Dewey e endossada por Rorty, posteriormente, como se pretende explicitar a partir deste ponto do estudo.

2 CONTINGÊNCIA DA LINGUAGEM

Rorty encontrou na filosofia da linguagem de Donald Davidson a “manifestação de uma vontade de abandonar a ideia de ‘natureza intrínseca’, uma vontade de enfrentar a contingência da linguagem que utilizamos”, o que reforça sua tese de que só as frases podem ser verdadeiras. Ele afirmou que

O tratamento davidsoniano da verdade associa-se ao tratamento davidsoniano da aprendizagem da linguagem e da metáfora para constituir o primeiro tratamento sistemático da linguagem, que rompe completamente com a noção de linguagem como algo que pode ser adequado ou inadequado ao mundo ou ao eu. É que Davidson rompe com a noção de que a linguagem é um meio (*medium*) – um meio quer de representação quer de extensão (Rorty, 1994, p. 31).

Ao buscar explicar o termo meio, Rorty (1994, p. 31) relata como entende a situação humana, situando-a numa imagem na qual os seres humanos além de serem redes de crenças e desejos são também detentores dessas crenças e desejos. Nessa perspectiva tradicional, um “eu fulcral” decidirá entre crenças e desejos, utiliza-os e exprime-se por meio deles. “Nesta perspectiva, as crenças são criticáveis por não corresponderem à realidade. Os desejos são criticáveis por não corresponderem à natureza do eu humano – por serem ‘irracionais’ ou ‘não naturais’” (Rorty, 1994, p. 32). O autor conclui, portanto, que a imagem que se tem é o núcleo essencial do eu de um lado e a realidade do outro lado da estrutura de crenças e desejos. “Esta é a imagem tradicional sujeito-objeto, que o idealismo tentou e não conseguiu substituir” (*Ibid.*).

Pensadores como “Nietzsche, Heidegger, Derrida, James, Dewey, Goodman, Sellars, Putnan, Davidson e outros”, fundindo dos paradoxos dos idealistas, contribuíram com o esforço de substituição da “‘mente’ ou da ‘consciência’ pela ‘linguagem’ enquanto meio a partir do qual são construídas as crenças e os desejos, o elemento terceiro, o elemento mediador, entre o eu e o mundo” (*Ibid.*).

Ao definir a linguagem como não sendo um meio nem de expressão nem de representação, Davidson evita o reducionismo e o expansionismo, o que o aproxima de Wittgenstein, segundo Rorty (1994, p. 33), os vocabulários alternativos são tratados por ambos como instrumentos alternativos e não como enigmas. Segundo Silva, “a partir da perspectiva rortyana, o mundo, por si só, não fala, somente os seres humanos são capazes de fazê-lo. E o fazem a partir dos jogos de linguagem que circulam pela sociedade” (Silva, 2016, p.174).

A importância que Davidson dá às metáforas nos contextos da linguagem é enfatizada por Rorty ao destacar a distinção davidsoniana entre uso literal e uso metafórico, ou seja, entre “usos familiares e não familiares de ruídos e de sinais” num jogo de linguagem. O modo literal de se dizer algo utiliza “antigas teorias sobre aquilo que as pessoas dirão em várias condições”. O uso metafórico possibilita o surgimento

de novas teorias. Rorty sugeriu uma comparação dessa questão davidsoniana com a abordagem dos platônicos e positivistas, de um lado, e dos românticos, por outro:

Os platônicos e os positivistas têm em comum uma perspectiva reducionista da metáfora. Consideram que as metáforas são ou parafraseáveis ou inúteis para a única finalidade séria que a linguagem tem, a saber, a representação da realidade. Pelo contrário, os românticos adotam uma perspectiva expansionista. Consideram que a metáfora é estranha, mística e maravilhosa. Atribuem a metáfora a uma faculdade misteriosa chamada 'imaginação', faculdade que supõem encontra-se no verdadeiro centro do eu, no fundo do coração. Enquanto o metafórico parece irrelevante aos platônicos e aos positivistas, o literal parece irrelevante aos românticos, já que os primeiros pensam que o propósito da linguagem é representar uma realidade oculta que se encontra fora de nós e estes últimos pensam que a finalidade da linguagem é exprimir uma realidade oculta que se encontra dentro de nós. A história positivista da cultura vê, pois, a linguagem como algo que gradualmente ganha forma à volta dos contornos do mundo físico. A história romântica da cultura vê a linguagem como algo que gradualmente traz o Espírito à autoconsciência. A história nietzschiana da cultura e a filosofia davidsoniana da linguagem veem a linguagem como nós hoje vemos a evolução: novas formas de vida constantemente a matar formas de vida velhas – não para alcançar uma finalidade superior, mas às cegas (Rorty, 1994, p. 42).

Segundo Rorty, na contingência tudo é produto do tempo e do acaso, não há realidade permanente, com a linguagem não é diferente. As metáforas se sobrepõem aos antigos instrumentos literais, não como instrumentos perpétuos, mas como contingências que geram novas situações, incessantemente.

Rorty procurou demonstrar que por meio das metáforas pulsantes em cada indivíduo existe uma nova forma de compreender e exprimir o mundo que o vocabulário convencional, eterno e imutável, não mais abarcava.

3 CONTINGÊNCIA DA INDIVIDUALIDADE

Ao expor sua concepção de contingência da individualidade Richard Rorty apresentou o final de um poema de Phillip Larkin, no qual o poeta expressa seu medo da morte.

Segundo Rorty (1994, p. 48), o receio de Larkin era a extinção da “sua lista de carga idiossincrática, do seu sentido individual do que é possível e importante. Foi

isso que tornou o seu eu diferente de todos os outros eus”. É essa diferença que todos, inclusive os poetas, temem perder. Não vir o novo é desesperador a qualquer fazedor.

Nem o anonimato das nossas obras é mais temido do que a não distinção das mesmas. Elas precisam imprimir nossas marcas na linguagem, senão teremos passado a nossa vida a dar passos já dados. “Assim, não teremos tido um eu de forma alguma. As nossas criações e o nosso eu, serão apenas casos melhores ou piores de tipos familiares”. A preocupação do poeta explicitada por Rorty demonstra quão perturbadora é a luta que o indivíduo trava consigo mesmo. Perceber o vazio da palavra eu, o vazio da palavra da palavra morte, tudo é desesperador, entretanto, para o poeta, desespero maior é perder a diferença do seu eu.

Para Rorty, perceber aquilo que é distintivo relativamente a cada um de nós - a diferença entre a nossa própria lista de carga e as das outras pessoas - é conseguir identificar a nossa “marca cega”.

Segundo Rorty, Larkin, ao contrário de Bloom,

Pretende que as marcas cegas, as contingências particulares que fazem cada um de nós ‘eu’ em vez de uma cópia ou uma réplica de outra pessoa, não importem. Ele sugere que, a menos que encontremos algo de comum a todos os homens em todos os tempos, e não apenas a um homem uma vez, não poderemos morrer satisfeitos. Entende que ser um poeta forte não basta - que só teria alcançado satisfação se tivesse sido um filósofo, encontrando continuidades em vez de expor uma descontinuidade (Rorty, 1994, p. 48).

O poema de Larkin põe em tela o infundável embate entre poesia e filosofia; é a autocriação na busca do reconhecimento da contingência e a busca da universalidade através da transcendência da contingência. Rorty considerou importantes os filósofos que tentaram seguir os poetas românticos, rompendo com Platão e reconhecendo a liberdade como produto da contingência. Eles aceitaram a “identificação nietzschiana do poeta forte, do fazedor, com o herói da humanidade [...] Tentaram evitar tudo o que cheira a filosofia enquanto contemplação, [...] globalidade, a fim de insistir na pura contingência da existência individual” (Rorty, 1994, p. 50).

Nietzsche, segundo Rorty, foi o primeiro a abolir a ideia do “conhecimento da verdade” e a concepção de um contexto único para todas as vidas humanas. Segundo Rorty, Nietzsche considerava que apenas os poetas “conseguem verdadeiramente apreciar a contingência. Os restantes estamos condenados a permanecer filósofos, a

insistir em que há na verdade apenas uma lista de carga verdadeira, uma descrição verdadeira da situação humana, um contexto universal das nossas vidas” (*Ibid.* p. 53-54). Em oposição à tradição filosófica, Rorty enfatizou que de todas as barreiras a serem derrubadas, Nietzsche considerava a mais importante a que separava o velho do novo.

Nesta perspectiva nietzschiana, Rorty referia-se à importância de Freud para nos ajudar a aceitar e a pôr em funcionamento este sentido nietzschiano e bloomiano do que é ser um ser humano de pleno direito, considerando, principalmente, que a sua mente foi uma mente mitopoética.

Segundo Rorty,

Desde a época de Kant o romantismo e o moralismo, a insistência na espontaneidade individual e na perfeição privada e a insistência na responsabilidade social universalmente partilhada nunca mais deixaram de estar em conflito com a outra. Freud vem ajudar-nos a por fim a esta guerra. Desuniversaliza o sentido moral, tornando-o tão idiossincrático como as invenções dos poetas. Permite-nos assim ver a consciência mora como algo de historicamente condicionado, como um produto tanto do tempo e do acaso como da consciência política ou estética (Rorty, 1994, p. 56).

Após lermos Freud, o poeta forte de Bloom e o infatigável cumpridor de obrigações universais kantiano deixam de ser paradigmáticos. As metáforas de Freud, segundo Rorty, foram fundamentais para que se pudessem assimilar as metáforas de Nietzsche, as James, as de Wittgenstein ou as de Heidegger tão facilmente como o fizemos, porém, isto só se tornou possível com a desdivinização do mundo e do eu.

4 CONTINGÊNCIA DE UMA COMUNIDADE LIBERAL

Ao tratar da contingência de uma comunidade liberal, Rorty alertou que as instituições e a cultura desse tipo de sociedade são mais adequadas se servidas por um vocabulário reflexivo-moral e político, cujas características não sejam incompatíveis com as noções de metáforas e de autocriação que caracterizam a contingência da linguagem e a contingência da individualidade, apresentadas anteriormente. Rorty é taxativo ao afirmar:

Não estou, porém, a dizer que a abordagem davidsoniana-wittgensteiniana e a abordagem nietzschiniana-freudiana da

consciência e da individualidade que esbocei forneçam ‘fundamentos filosóficos da democracia’, já que noção de ‘fundamento filosófico’ desaparece quando o vocabulário do racionalismo e do iluminismo desaparece. Tais abordagens não fundam a democracia, mas permitem uma redescrição das suas práticas e de seus objetivos (Rorty, 1994, p. 72).

Segundo Rorty, o que distingue a tentativa de redescrição da cultura do liberalismo da procura de fundamentos é que a primeira se caracteriza pela ausência de qualquer forma de divindade, tanto para o mundo como para o eu. Enquanto a segunda “depende” de forças não humanas que gerenciam atos e omissões, tanto do mundo quanto do eu.

O processo de desdivinização que expus culminaria [...] de forma ideal, em deixarmos de ser capazes de ver qualquer utilidade na noção de que os seres humanos finitos, mortais e contingentemente existentes possam retirar o significado da sua vida de qualquer coisa que não seja outros seres humanos finitos, mortais e contingentemente existentes (Rorty, 1994, 72).

Nessa perspectiva, a democracia liberal depende apenas dos que a fazem, dos que a vivem. São eles que fazem as regras e normas, que não sendo imutáveis, eles também as revogam.

Nesse sentido, Grasset propõe que o reconhecimento do fato político moderno suceda à autoridade do *logos* em relação à *polis*, uma vez que a autoridade do *logos* é pertinente às posições antidemocráticas presentes na *República* de Platão. O autor enfatiza ainda que se deve “desconfiar de todo discurso que se refira a uma instância extra-humana, ou seja, desconfiar de toda narrativa grande”. Ele afirma que

[...] no que tange ao platonismo, a submissão da noção de justiça à ideia do bem, que é uma ideia incondicionada, ou a-hipotética como diz o próprio Platão, manifesta exatamente a imagem arcaica, pré-liberal, do mundo humano que Rorty ambiciona ultrapassar de vez. Daí que haja também necessidade de reforma, ou até de revogação do vocabulário herdado do Iluminismo. Decerto, este vocabulário acompanhou e auxiliou o desencadeamento do processo histórico que levou à construção de democracias liberais em certas comunidades humanas, mas aos poucos ele se tornou um obstáculo para o desenvolvimento dinâmico dessas democracias, já que ele resgatou e prorrogou dualismos metafísicos e referências transcendentais, mitológicas e essencialistas oriundas do platonismo. A comunidade liberal há de alcançar a lucidez reflexiva sobre suas práticas políticas, o que implica que ela tem de admitir sua contingência irreduzível (Grasset, 2013, p. 33).

A sociedade que Rorty defende caracteriza-se pelos ideais que podem ser realizados através da persuasão e não pela força, e cuja única finalidade é a liberdade, é tornar a vida mais fácil para todos.

É oportuno salientar que dentro da perspectiva democrática liberal, o pensamento de John Dewey foi marcante e influenciou fortemente a concepção democrática abordada por Rorty. As ideias dos dois pensadores são cingidas em torno da defesa da democracia como modo de vida e não apenas como regime de governo, como demonstra Castro na citação a seguir:

Estamos sempre sujeitos a mudanças, seja em função da natureza própria dos fenômenos na sua temporalidade, seja em função da riqueza de possibilidades que a democracia proporciona, uma vez que promove a livre expressão, a participação de todos e a livre circulação de informações. Dewey não pensava a democracia apenas como um sistema de governo, mas principalmente como uma forma de organização das instituições sociais e um modo de vida. Rorty concorda com a conclusão de Dewey. A ela acrescenta a ideia segundo a qual viver em uma democracia proporciona ao indivíduo liberdade para escolher a identidade que almeja para si (Castro, 2009, p. 115-126).

Dewey e Rorty são incisivos ao afirmarem que na democracia não há espaço para discurso filosófico metafísico, portanto, tornou-se inconcebível que em respeito à determinada tradição, religiosa ou não, haja pessoas submissas, até mesmo em sociedades ditas democráticas. A tradição cultural metafísica impõe seu jugo aos indivíduos pelo vocabulário da obediência às leis da razão, assim “os atores políticos de sociedades profundamente desiguais [...] continuarão a pensar que representam casos paradigmáticos de humanidade”. Sentem-se os enviados ou a própria divindade. Portanto, segundo Castro,

Os indivíduos que não pertençam à sua mesma origem social, não tenham a mesma orientação sexual, o mesmo gênero, seriam casos dúbios de humanidade [...] a construção de uma comunidade política democrática planetária está atrelada a uma redescritção da noção de humanidade que não seja atrelada a noções vagas como ‘seres dotados de razão’ (Castro, 2009, p. 115-126).

A utopia liberal de Rorty é constituída de cidadãos que dispõem de tempo e paciência para lidar com os diferentes, visto que são cômicos da “contingência da sua linguagem de deliberação moral e, por isso, das suas consciências e, portanto, da sua comunidade”.

Ver a nossa linguagem, a nossa consciência, a nossa moralidade e as nossas mais elevadas esperanças como produtos contingentes, como resultado de se tornar literal aquilo que em tempos foram metáforas acidentalmente produzidas, é adaptar uma identidade própria que nos convém para a cidadania nesse estado idealmente liberal. É por isso que o cidadão ideal de tal estado seria alguém que pensaria nos fundadores e nos conservadores dessa sociedade como sendo poetas do tipo que referi e não como sendo pessoas que tenham descoberto ou que tenham distinguido claramente a verdade sobre o mundo ou sobre a humanidade (Rorty, 1994, p. 91).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rorty, ao final de *Contingência, ironia e solidariedade*, cuja última parte o filósofo tratou da “Solidariedade”, enfatizou a necessidade de “distinguir a solidariedade humana enquanto identificação com a ‘humanidade enquanto tal’ e enquanto dúvida própria que [...] foi sendo inculcada nos habitantes dos Estados democráticos” (Rorty, 1994, p. 246). As contingências sobre as quais trata este texto suscitam alguns pontos que nos parecem aquém do que exige a contemporaneidade. Isso se acentua pela necessidade de transformação do cenário sócio-político-cultural do Ocidente, caracterizado na sua imensa maioria por países democráticos e liberais. O que “foi inculcado nos habitantes dos Estados democráticos” durante muitos séculos não foram dúvidas, como afirma Rorty, foram exclusões dos indivíduos por inteiro, não apenas suas mentes foram povoadas de dúvidas. Neste sentido, o pesquisador Grasset sintetiza de forma brilhante o pensamento rortyniano ao afirmar:

Com certeza, Rorty negaria qualquer consistência à distinção entre democracia e liberalismo: reconduzindo no âmbito da democracia liberal o gesto de Hegel em relação ao Estado prussiano, o autor norte-americano adota uma postura filosófico-política segundo a qual o novo apenas pode ser democrático e liberal. Por isso, se pode legitimamente desconfiar de que, por mais flexível e abrangente que o antifundacionalismo liberal aparente ser, ele não tem como dialogar com a novidade radical nem com a contingência do futuro político (Grasset, 2013, p. 44).

O contexto político mundial atual, independente de tratar-se de país democrático ou não, permite-nos ter a “capacidade de distinguir entre a questão de saber se você e eu partilhamos o mesmo vocabulário final e a questão de saber se você está a sofrer”? Será que realmente “Distinguir estas questões torna possível

distinguir questões públicas de questões privadas, questões sobre dor de questões sobre o sentido da vida humana”? (Rorty, 1994, p. 246). As afirmações do pensador tornaram-se indagações, réplicas de milhões de excluídos de países democráticos e liberais de todo o mundo.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Susana de. Filosofia como política cultural. **Ethica: cadernos acadêmicos**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 115-126, 2009.

GRASSET, Baptiste Noel Auguste. O filósofo e a caixa de pandoxa: contingência, liberalismo e pós-iluminismo em Richard Rorty. **Revista Redescições**. Rio de Janeiro. Volume 5. n. 1, p. 32-45, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescicoes/issue/view/116>. Acesso em: 19 set 2024.

RORTY, R. **Para Realizar a América**: o pensamento de esquerda no século XX na América. Tradução: Alberto Tosi Rodrigues, Martha Christina P. Martins e Paulo Ghiraldelli Jr. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade** - Escritos Filosóficos I. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

SILVA, Maurício, J. R. da. Contingência, discurso e história: considerações sobre a linguagem em Foucault e Rorty. **Sapere aude**. v. 7 – n. 12, p. 171-181, jan./jun. 2016.

DADOS DO AUTOR

Luís Gomes da Silva

Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (1987). Mestrado em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí (2014). Atualmente é doutorando em Filosofia e Assistente em Administração da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de Ensino de Filosofia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6142291473612303>

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0005-2192-9120>

E-mail: lugosis1959@gmail.com